

ALSHOP

A REVISTA DO LOJISTA DE SHOPPING

NOTÍCIAS



NEO CONPREM NINGUÉM, ENFIM A TROVA!
DO MESMO DIRETOR DE JACUÍTE E LANTANÍDEAS
REDE DE MENTIRAS
www.shopdox.com.br
28 DE NOVEMBRO NOS CINEMAS

JASON STATHAM

Se quer algo bem feito...
contrate um profissional.
CARGA EXPLOSIVA

Cinema em shopping

NÚMERO DE SALAS CRESCE E POPULARIZA NOVAS TECNOLOGIAS



Entrevista
André Duek, CEO
da marca Carina
Duek

**O Natal no
varejo**
Expectativa se
mantém positiva

Crise
Uma análise do
varejo diante do
cenário global

Dinheiro é o meu negócio

Negócio é opção para investidores seguros, mas que gostam de emoções.

Por Thiago Paes

Sucessivas altas do dólar desde o final de setembro e as constantes variações nas bolsas de valores do mundo puseram fim à relativa calma do mercado financeiro, resultando em uma corrida às casas de câmbio. Apesar do segmento manter discrição quanto ao aumento percentual em transações, uma das empresas ouvidas pela reportagem dobrou o atendimento em outubro, mês em que o dólar acumulou uma elevação de 13,34%, maior alta desde 1999. As taxas praticadas pelos estabelecimentos do setor refletem a lei da oferta e da procura: quanto mais dólares houver para a troca por real, mais barata fica a moeda americana no Brasil.

Empresas operadoras de câmbio devem ter em mente que seus concorrentes são, em geral, insti-

tuições de grande porte: bancos comerciais, múltiplos, de investimentos ou de desenvolvimento; caixas econômicas; sociedades de crédito, financiamento e investimento; e sociedades corretoras de câmbio ou de títulos e valores mobiliários, entre outras. Pela lei brasileira, moedas estrangeiras só podem ser compradas em instituições credenciadas pelo Banco Central.

Proprietária da rede de agências de viagem e casas de câmbio Shopping Tour, na capital baiana, Iolanda Rattman prevê períodos agitados para o segmento. "Atualmente, a instabilidade do mercado é refletida em todo o mundo, mas, apesar da constante volatilidade do setor, devemos acompanhar cada passo e estar inseridos no processo", afirma.

Até 2005 existiam dois mercados de câmbio: o livre, onde aconteciam as operações comerciais e financeiras; e o flutuante, em que investidores compravam dólares em pequenas quantias, para viagens, por exemplo. Em fevereiro daquele ano, o Conselho Monetário Nacional (CMN), órgão responsável pelas normas dos meios de pagamento, política cambial e emissão de papel-moeda, anunciou a unificação do mercado de câmbio. Na prática, para a pessoa física pouco mudou, pois a taxa cobrada para quem viaja continuou sendo mais cara do que a negociada entre bancos. Além disso, o volume e os custos da operação também influenciam no valor do chamado dólar turismo.

A moeda americana ainda é a mais negociada no Brasil, tanto na venda quanto na compra. Em segundo lugar vem o euro e, de forma mais residual, libra, dólar canadense, dólar australiano, peso chileno e argentino.



A nova Turis Shop, do grupo Shopping Tour: mais de 20 anos de experiência e dois pontos no Shopping Barra Salvador

Tendências

Tradicionalmente, a procura por moedas estrangeiras aumenta no período que antecede as férias escolares de julho e dezembro. Além destes dois períodos, os primeiros meses do ano costumam ter maior demanda de câmbio que os demais. No mercado desde 1999, e com previsão de abertura de cem lojas até o fim de 2009, o Grupo Fitta, franqueador de postos de câmbio presentes em shoppings e aeroportos do País, registrou no período de maior desvalorização do real, em outubro, uma demanda 100% maior de pessoas dispostas a vender dólar e euro. Em contra partida, o volume de compra de moeda estrangeira apresentou uma queda considerável, já que os possíveis clientes preferem adiar o máximo possível a compra, na expectativa de ajuste favorável na cotação. De forma macro, alguns especialistas percebem que as pessoas, por enquanto, não acreditam que o dólar continuará sua trajetória de valorização.

O especialista em captação de recursos para projetos de investimentos, Guilherme Bastos de Aguiar, compartilha desta opinião. "Entendo que em um momento o dólar cairá para um índice em torno de R\$ 1,85, fará a economia voltar a crescer e trará mais confiança para os empresários", arrisca. No ápice da crise, a LIBOR (taxa inter-bancária calculada em Londres, base para grandes empréstimos em dólar efetuados em bancos localizados fora do território dos Estados Unidos) chegou a 5% ao ano, quando antes era de 2,80%. Esta alta também refletiu nos pequenos investidores que preferiram o dólar à bolsa ou a qualquer outro tipo de aplicação, fazendo a moeda chegar onde chegou. "Agora este índice está bem mais abaixo, com a taxa real de 2,45% ao ano, ou seja, a confiança dos investidores e do mercado está voltando ao normal, fazendo com que os empresários voltem a acreditar que o pior já passou", acredita Aguiar.

Já o diretor-administrativo e sócio do Grupo Fitta, Rodrigo Macedo, adverte com relação à obediência às regras impostas pelo Banco Central do Brasil. "Perante a entidade é proibida a venda de câmbio turismo para in-



Com 15 lojas, a Sol parte de Natal rumo às principais capitais brasileiras

vestimento, mas, mesmo assim, esta prática ainda é comum em algumas classes sociais", comentou Macedo. O mercado cambial, apesar das grandes oscilações previstas, tende a aumentar seu volume no que diz respeito ao turismo, pois, com sua economia fortificada, o Brasil tem aumentado o fluxo de passageiros à passeio ou negócios ao exterior.

Câmbio em shopping

Por ser uma atividade que envolve valores em espécie, a segurança oferecida nos centros de compras é um dos principais atrativos para novas lojas. Há mais de duas décadas instalada no Shopping Barra, em Salvador, a Shopping Tour tem colhido bons frutos no local: "O shopping tem vigilância e bom fluxo de clientes o tempo todo, o que oferece tranquilidade e conforto aos clientes", afirma Iolanda, que no início de novembro inaugurou outro ponto no mesmo shopping, a Turis Shop. "Oferecemos os mesmos serviços, como operações de compra e venda de moedas estrangeiras e transferências internacionais, entre outros. Em breve, outras transações econômicas serão agregadas à nossa gama de opções", anuncia.

Por ser uma atividade que envolve valores em espécie, a segurança oferecida nos centros de compras é um dos principais atrativos para novas lojas.



Rodrigo Macedo, do Grupo Fitta: previsão de 100 lojas em 12 meses

Atualmente com 15 pontos-de-venda (dez em shoppings) e planos ousados para atingir as principais capitais brasileiras, a Sol Corretora de Câmbio iniciou seus trabalhos na cidade de Natal (RN) e recentemente expandiu sua atuação à capital paulista. "Buscamos a maior padronização de nossas unidades e acreditamos no potencial dos centros de compras, lugares mais lembrados quando se vislumbra um trabalho no setor, pois é de fácil acesso e induz às compras, observa a diretora de operações do grupo, Priscila Hasbun de Almeida.

Em se tratando do mercado de varejo de câmbio, o governo brasileiro tem dado importantes contribuições. Através de contínuas ações de fiscalização e regulamentação do Banco Central do Brasil, Receita Federal, Polícia Federal e Ministério Público, o mercado do câmbio legal ganhou fôlego, desburocratizando algumas regras para se fazer câmbio e intensificando o combate aos doleiros.

Mas nem tudo são flores. O aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) em substituição a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) desagradou clientes e empresários. Antigamente, quando se faziam compras no exterior usando o cartão de crédito, sujeitava-se à cobrança de IOF/Câmbio de 2% do valor das compras. A partir de janeiro de 2008, esta alíquota subiu para 2,38%. O imposto é pago por quem precisa mandar dinheiro para o exterior, receber moeda estrangeira ou ainda receber dinheiro do exterior e fechar uma operação de câmbio para receber em reais. "Se esta cobrança fosse abolida, favoreceria muito as operações", afirma Priscila, compartilhando da mesma opinião das demais empresas ouvidas pela reportagem.

Cash, papel ou plástico

As casas de câmbio vendem três opções para quem compra moedas estrangeiras: dinheiro, cheques de viagem e o produto mais recente, os cartões de débito pré-pagos, que permitem saques e pagamentos mediante assinatura do portador ou senha. Assim como os cheques de viagem, o cartão também tem seguro contra perda e roubo. "Trata-se de um cartão internacional, carregável com dólar ou euro, cuja compra e retirada são realizadas sempre na moeda do país onde é realizada a transação. Por exemplo: um cartão com carga em dólar sendo usado em Londres permite apenas pagamentos e retiradas em libras, com conversão automática pela operadora", explica a coordenadora comercial da Action Câmbio, Andreza Simões Ferreira. A Action, aliás, é uma das redes de câmbio que mais crescem. Com projetos de expansão para suas unidades, a empresa possui 36 pontos-de-venda em shoppings de São Paulo e do Rio, além dos aeroportos de Guarulhos e Fortaleza.

Caso necessite, o proprietário do cartão pode ter o limite de dois cartões adicionais. "O saldo é o mesmo para todos, com débito feito do saldo do cartão principal. Em caso de perda ou roubo os cartões podem ser repostos e o saldo pode ser conferido pela internet. O valor não usado continua válido para uma próxima viagem, ou pode ser vendido de volta à loja onde foi comprado", explica Andreza. >



Action: cartão de débito pré-pago é destaque na compra de dólar e euro